



O Mundo do trabalho individualizado: o *Home Office* como opção laboral para lésbicas e gays em tempos de crises e consolidação das tecnologias digitais.

Adriano R. Mastroléa*, Bárbara G. Castro.

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de iniciação científica sobre os/as trabalhadores/as gays e lésbicas que atuam na modalidade *home office* em diferentes ocupações. O objetivo era compreender de que maneira gays e lésbicas compreendem a atuação em *home office* articulada à sua experiência de sexualidade. A literatura sobre trabalho ainda trata da sexualidade de maneira descritiva e indireta. Buscou-se: 1) realizar um estudo exploratório no qual gays e lésbicas eram o foco da análise; 2) entender como e se a sexualidade se articula às motivações pessoais e constrangimentos estruturais que levaram à atuação em *home office*; 3) entender o impacto dessa organização do trabalho e da vivência da sexualidade na subjetividade desses/as trabalhadores/as mapeando produções discursivas de individualidade e de solidariedade entre eles/as.

Palavras-chave:

Home office, sexualidade, LGBT.

Introdução

Esta pesquisa pretendeu avançar na compreensão do significado da mediação tecnológica para as trajetórias laborais de gays e lésbicas.

Seguimos as pistas sobre as pesquisas no setor de telemarketing, em especial, de Selma Venco, que encontraram no setor grande número de trabalhadores/as LGBT e estabeleciam relação com a invisibilidade do/a atendente para o/a cliente com a potencialidade da inserção laboral. A partir dessa pista, propusemos olhar para o *home office* como um espaço de trabalho que também produz invisibilidade e poderia, também, produzir melhor inserção laboral aos/as trabalhadores/as LGBT.

A maior parte da produção acadêmica que discute o *Home Office* é elaborada por programas de pós-graduação nas áreas de Administração de Empresas, Economia e Gestão, Negócios e Psicologia. Esses textos celebram a flexibilização do trabalho como um benefício tanto para a gestão quanto para as trabalhadoras e trabalhadores, que teriam, assim, maiores prerrogativas ao não terem gastos com o deslocamento, por exemplo.

A literatura na área das Ciências Sociais sobre o tema ainda é escassa, mas tem como foco pensar a questão da flexibilização a partir das chaves do: controle da organização do tempo e espaço de trabalho, perda de direitos e precarização e desafios de articulação entre trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres.

Como metodologia, realizamos entrevistas em profundidade com seis trabalhadores/as gays e lésbicas que atuam em diferentes ocupações. As entrevistas ocorreram após contato realizado na rede social *Facebook*. Foram postados pedidos de entrevista em grupos de troca de informações sobre trabalho em *home office* na rede social.

Resultados e Discussão

Os entrevistados/las que nos ajudaram a realizar este trabalho são jovens LGBT que seguem as exigências que um mundo informatizado impõe às relações de trabalho. Eles/as viveram o período de popularização e consolidação da Internet no Brasil e se valem dessa mediação para atuar deslocalizados/as das empresas

e/ou atuar como *freelancers*, autônomos e microempresários.

Eles e elas reconhecem a discriminação que sofrem na sociedade, mas defendem que não sofrê-la depende de atuarem bem em suas ocupações.

A maioria elogiou o trabalho realizado em casa e as possibilidades que a modalidade oferece e relacionam com maior autonomia e como oportunidade de economizar tempo e, no caso dos microempresários, economizar com locação de espaço para realização do trabalho.

Conclusões

Assim como a questão de gênero não pode mais ser pensada em separado do debate do universo laboral, as novas nomenclaturas que preenchem e enriquecem o universo LGBT são reflexos das novas formas de entender a sociedade e o mundo do trabalho.

Em contraste com a literatura que confrontava sexualidade e trabalho, que expunha todas as problemáticas da conquista do emprego e a manutenção no posto para as lésbicas e os gays, as biografias de nossos entrevistados/las nos mostraram que o preconceito sexual não levou diretamente essas pessoas a buscarem por essa modalidade de trabalho. Da mesma forma, nenhum/a deles relatou sofrer discriminação depois que passou a trabalhar em *home office*. Isso nos conduz a pensá-lo não apenas como uma particularidade perversa da precarização, mas também como um recurso para pessoas LGBTs em situação de vulnerabilidade.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo fomento; à minha querida orientadora; à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã; aos amigos e amigas da Moradia: Jaque, Leo, Bia, Wagner e especialmente ao Samuel Bernardes.

ALMEIDA, R. E. S.; BRASIL, R. S.; NOGUEIRA, V. A. Novas carreiras em contraste com formas de trabalho tradicionais: Home office e Freelance. Cadernos de Aula do LEA (online), n.6, pp. 32-46, Dez. 2017.

CARRIERI, A. P.; SOUZA, E. M.; AGUIAR, A. R. C. Trabalho, violência, sexualidade: Estudo de lésbicas, travestis e transexuais. RAC, Rio de Janeiro, v.18, n.1, art. 5, pp. 78-95, Jan.-Fev. 2014.

SALVAGNI, J.; COLOMBY, R. H. As multiplicidades envolvidas na relação trabalho(s), gênero(s), sexualidade(s) e identidade(s). In: Encontro Nacional da ABET, XV, 2017. Rio de Janeiro. Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, Rio de Janeiro.